

Fake News: Reflexões Sobre a Circulação de Informações¹

Amanda Gonçalves Rocha TEODORO²

Ana Paula dos Anjos AGUIAR³

Ester Margotto MONTEBELER⁴

Mariana Barbosa Neiva PINHO⁵

RayraCostabeber SCHNEIDER⁶

Flávia Mayer dos Santos SOUZA⁷

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O presente artigo possui a temática relacionada às *Fake News*, termo que tomou grandes proporções na sociedade por causa do elevado número de compartilhamento de notícias falsas, através dos veículos de comunicação. Para trabalhar com essa questão, este estudo se apoia na Teoria da Enunciação proposta por Émile Benveniste e analisada por José Luiz Fiorin, destacando as competências necessárias para a produção de um enunciado, a ética da informação e o acordo entre o enunciador e o enunciatário. O principal objetivo deste artigo é evidenciar os riscos que uma *Fake News* traz à credibilidade da comunicação midiática e, para isso, foi escolhida uma notícia falsa apresentada intencionalmente por um pesquisador do Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake News*; Comunicação; Enunciação.

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, da Intercom Júnior - XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

²Estudante do segundo período do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail: amanda.teodoro@outlook.com

³ Estudante do segundo período do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail:anapullaanjoid@gmail.com

⁴ Estudante do segundo período do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail:estermargotto@hotmail.com

⁵ Estudante do segundo período do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail:pinho_nana@hotmail.com

⁶Estudante do segundo período do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail: rayraschn@gmail.com

⁷Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Publicidade e propaganda da UFES, e-mail: flavia.mayer@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço tecnológico e o fácil acesso à internet, muitas pessoas, através de redes sociais e aplicativos, têm compartilhado informações desenfreadamente. Corriqueiramente, indivíduos comuns recebem alguma notícia, leem superficialmente, não pesquisam sobre a veracidade da informação e apressadamente a encaminham para todos os seus contatos. Estes, na maioria das vezes, por terem confiança no remetente da mensagem, tendem a repetir o mesmo erro e isso se torna um ciclo.

A situação agrava-se quando informações dessa natureza circulam por meio da atividade jornalística. Segundo Benedito Juarez Bahia, renomado jornalista brasileiro, “a apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo”. Além disso, ele complementa sobre o método de coleta de informações jornalísticas: “É o processo que antecede a notícia e que leva à formulação final do texto”. (1990, p. 40)

Em busca da primazia, muitos jornalistas acabam divulgando informações incorretas – as chamadas *Fake News* – ao não desempenharem os aspectos fundamentais na seleção de notícias, tais quais o tempo é um deles. O tempo que o habilitado deve reservar para analisar os fatos deve ser minucioso, apesar de pragmático, pois para que se tenha certeza da legitimidade do informe, é necessário pesquisar, buscar depoimentos, testemunhas, histórico, enfim, averiguar o cerne do assunto em questão. Não é viável que a análise da informação de certo meio comunicacional seja feita em tempo curto a fim de que seja divulgada à frente de outros meios, já que não se trata de uma corrida, mas sim de mostrar o que é legítimo.

Infringindo o regulamento que deve ser seguido na verificação da informação, o jornalista acaba por gerar a repercussão das *Fake News*. E o grande problema é que, geralmente, até a notícia ser identificada como falsa, já foi disseminada, e para fazer a correção desta pode vir a demandar um tempo maior. Essa situação gera transtorno para o público que fica sem saber em qual base se sustentar. Isso é ruim para o profissional e faz com que ele, a equipe envolvida na cobertura da reportagem e o veículo de divulgação percam a credibilidade no fazer jornalístico.

O objetivo geral desse artigo, portanto, é expor como as *Fake News* conseguem se espalhar rapidamente através dos meios de comunicação, influenciando diretamente a sociedade receptora e os crentes dessas informações falsas. Para isso, foi necessária a análise, baseada no referencial teórico da enunciação, de um exemplo de *Fake News* divulgada por Fábio Flores, que teve grandes proporções em alguns meios de comunicação.

A notícia criada pelo especialista em educação, Fábio Flores, foi inicialmente publicada em um blog humorístico para o qual ele escrevia. Por ser uma notícia incomum, “Mulher ganha na justiça o direito de se masturbar no trabalho”, acabou sendo repostada em vários outros sites como uma notícia verdadeira, mesmo com o teor totalmente falso. Como o fato aconteceu na internet, é quase imensurável saber quantas pessoas foram atingidas e por quanto tempo foi veiculada como verídica, mas a história criada pelo professor chegou a ser assunto no programa televisivo *Altas Horas* em maio de 2011.

Segundo o artigo “*Fake News*: Ética e credibilidade jornalística em risco” realizado por Kennedy Anderson Cupertino de Souza, a presença de *Fake News* no dia a dia das pessoas acentuou-se cada vez mais nos últimos anos. A exigência pela rapidez na produção e publicação das notícias faz com que muitos profissionais dos veículos comunicacionais as apurem de uma forma superficial, pelo fato de haver uma competitividade muito grande de quem compartilhará a notícia em primeira mão.

Além disso, de acordo com o professor de Psicologia Gordon Pennycook, as pessoas acreditam em *Fake News* porque possuem “preguiça de pensar” e não ponderam de uma forma analítica, que seria a tendência de os indivíduos questionarem suas próprias intuições e crenças. Assim, a análise das *Fake News* irá apontar, com ajuda da teoria da enunciação, a forma com que o enunciado se diferencia do discurso jornalístico e pontos que entregam o comprometimento da veracidade da informação.

1. TEORIA DA ENUNCIÇÃO

O livro “As Astúcias da Enunciação”, escrito por José Luiz Fiorin, é um mecanismo de aprendizagem abrangente sobre a teoria da enunciação. Pode-se dizer que o autor apoiou seu estudo em Émile Benveniste, linguista francês conhecido por ser um dos fundadores da perspectiva enunciativa, a qual identifica a ocorrência de dois planos de enunciação, o da história e o do discurso.

“O primeiro sentido de enunciação é o de ato produtor do enunciado. Sendo assim, o enunciado é o produto da enunciação. Benveniste diz que “a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1974, p. 80).” (FIORIN, 2005, p. 31)

“Benveniste (1966, p. 259), em seu artigo “Da subjetividade na linguagem”, diz que a propriedade que possibilita a comunicação e, portanto, a atualização da linguagem é que é “na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, uma vez que, na verdade, só a linguagem funda, na sua realidade, que é a do ser, o conceito de *ego*”. A subjetividade é a “capacidade de o locutor pôr-se como sujeito”; “é ‘*ego*’ quem diz ‘*ego*’. Encontramos aqui o fundamento da ‘subjetividade’, que se determina pelo estatuto linguístico da “pessoa” (Benveniste, 1966, p. 259-60). O *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo que é constitutiva da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis *eu/tu*.” (FIORIN, 2005, p. 41)

“A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo a si mesmo como *eu* em seu discurso. Dessa forma, o *eu* estabelece uma outra pessoa, aquela que, completamente exterior a mim, torna-se meu eco ao qual eu digo *tu* é que me diz *tu*” (Benveniste, 1966, p. 261-2).

“A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o *eu* não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente linguístico, ou seja, ao “ato de discurso individual em que *eu* é pronunciado e designa seu locutor” (Benveniste, 1966, p. 261-2). O fundamento da subjetividade está no exercício da língua, pois seu único testemunho objetivo é o fato de o *eu* enunciar-se (Benveniste, 1966, p. 261-2).” (FIORIN, 2005, p. 41)

1.1 A PESSOA DEMARCADA

“A actorialização⁸ é um dos componentes da discursivização e constitui-se por operações combinadas que se dão tanto no componente sintáxico quanto no semântico do discurso. Os mecanismos da sintaxe discursiva, *debreagem*⁹ e *embreagem*¹⁰, instalam no enunciado a pessoa. Tematizada e figurativizada, esta se converte em ator do discurso. Benveniste (1966), em “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, mostra que a terceira pessoa goza de uma situação especial na conjugação e que, portanto, as três pessoas não têm o mesmo estatuto (mesmas regras). Nas diferentes línguas, sempre é ela que é empregada quando não se designa a pessoa, notadamente na chamada expressão impessoal, em que um processo é relatado enquanto puro fenômeno cuja produção não está ligada a qualquer agente ou causa.” (FIORIN, 2005, p. 59)

Existem características comuns à primeira e à segunda pessoas que as separam da terceira:

- “Em primeiro lugar, o *eu* e o *tu* são cada vez mais únicos, enquanto o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum.” (FIORIN, 2005, p. 59)
- “Depois, *eu* e *tu* são reversíveis na situação de enunciação. No entanto, não é possível a reversibilidade com o *ele*.” (FIORIN, 2005, p. 60)
- “A terceira pessoa é a única com que qualquer coisa é predicada verbalmente. Com efeito, uma vez que ela não implica nenhuma pessoa, pode representar qualquer sujeito ou nenhum e esse sujeito, expresso ou não, não é jamais instaurado como actante da enunciação.” (FIORIN, 2005, p.60)

“Por essas razões, a chamada categoria de pessoa possui, para Benveniste, duas correlações: a da pessoalidade, em que se opõem pessoa (*eu/tu*) e não-pessoa (*ele*), ou seja, actantes da enunciação e actantes do enunciado; a da subjetividade, em que se contrapõem *eu vs tu*. A primeira é a pessoa subjetiva, que se constitui a partir da segunda, pessoa não-subjetiva (1966, p. 230-2). Não se pode esquecer que é a situação

⁸ “A actorialização é um dos componentes da discursivização. É o procedimento pelo qual se instituem os atores do discurso, seja os da enunciação, seja os do enunciado.” (FIORIN, 1996: 117-118)

⁹ “Expulsão fora da instância de enunciação da pessoa, do espaço e do tempo do enunciado.” (FIORIN, 1995, p.3)

¹⁰ “Efeito de retorno à enunciação, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação de instância do enunciado.” (FIORIN, 1995, p.29)

de enunciação que especifica o que é pessoa e o que é não-pessoa e que a terceira pessoa é explicitada no contexto e não na situação.” (FIORIN, 2005, p. 60)

2.O EXEMPLO DE *FAKE NEWS* ANALISADA

Fábio Flores é especialista em Educação, Geógrafo e Pedagogo. Durante 15 anos atuou em salas de aula com passagens pela Universidade Federal do Espírito Santo, Marinha do Brasil, FAESA e UNESCO. Autor de mais de 150 artigos publicados em jornais, revistas e sites, apresentou programas e quadros nas TVs Gazeta, Tribuna, Rede e Imagem TV. Além disso, no ambiente radialista, teve passagens pela Universitária FM, Cidade FM e MIX FM.

Enquanto professor realizou algumas postagens para um blog e canal humorístico. O intuito era mostrar que com o avanço da tecnologia, as pessoas acreditavam em tudo o que era apresentado a elas na internet, assim como era comum a confiabilidade nos telejornais.

O fato é que essas notícias acabam se atrapalhando e enganando os próprios jornalistas que precisam informar os cidadãos com uma rapidez. Dentre essas inúmeras notícias falsas escritas por ele como teste, a estudada será a sua primeira *Fake News*. Essa foi produzida em 2010, divulgada no canal “Jornalismo Verdade” e publicada também no blog em que Fábio Flores escrevia, que hoje possui mais de 122 mil acessos e mais de 100 comentários. A veiculação da notícia “Mulher ganha na justiça o direito de se masturbar no trabalho” foi bem ampla, chegou até a virar uma manchete na revista “Istoé” e ser abordada no programa da Globo, Altas Horas.

A notícia é sobre uma mulher do Espírito Santo que ganhou o direito, pela justiça, de se masturbar no trabalho. A cada duas horas trabalhadas, ela poderia interromper suas atividades por 15 minutos para praticar o ato, já que sofre de uma doença chamada de Compulsão Orgástica. No entanto, a mulher e a doença não existem. Foi tudo milimetricamente criado e arquitetado pelo comunicador.

A realidade é que ele descobriu uma fórmula para “viralizar notícias”: utilizava palavras chaves de assuntos muito debatidos e acessados na internet. Um exemplo dessa notícia seria a palavra-chave “Masturbação”, relacionado a um dos assuntos mais

procurados na época, a palavra “Sexo” e “Ganhou na justiça”, que era outro tipo de assunto que tinha muitos acessos e engajamento na internet.

Além disso, é notável no vídeo o modo irônico como Fábio Flores conta a situação. São usadas, em vários momentos, palavras de duplo sentido e com uma carga humorística, evidenciando, assim, o caráter sensacionalista da reportagem. Pode-se ressaltar que muitos veículos de comunicação repassam esses tipos de notícias justamente pelo o enredo não clichê que não são abordados em reportagens comuns, por exemplo, desejando impactar o público a fim de atrair mais leitores ou telespectadores para uma divulgação mais abrangente.

3. ANÁLISE

Na matéria divulgada pelo vídeo, o repórter é a primeira pessoa a se materializar no discurso, isso porque é necessária a existência do ‘eu’ que torna a enunciação o enunciado. Desta forma, o repórter toma o seu papel de locutor do caso que é relatado. Porém, em alguns momentos ele se faz de sujeito na matéria dando sua opinião, já que como criador do enunciado, ele possui uma autoridade sobre o discurso que o possibilita alternar entre os papéis de locutor e sujeito.

“...Eu sei o quanto é constrangedor tudo isso até porque já basta o que a vida te fez, né? Deus me livre, Deus me livre de ter uma filha com um problema desse, não quero isso para mim, não quero isso para a minha família...” (REPÓRTER)

No discurso o repórter direciona o olhar para a câmera e, por consequência, a fala, tornando quem assiste a reportagem o enunciatário, a quem ele continua a frase do trecho citado anteriormente: “...não quero isso para a família de quem está nos assistindo...”.

O locutor (suposto repórter) incorpora ao discurso duas pessoas. Uma como figura de autoridade que fez a representação médica e a outra, uma figura testemunhal, no caso a mulher orgástica, no qual o discurso inteiro é baseado. Para isso, bastando apenas, que ele lhes dirigisse a palavra ou que comentasse sobre a personagem da história, agregando ao “eu” do discurso o “tu” e sequencialmente o “ele”. Isso é visível

na fala do repórter: “Como assim doutor, sofrer desse mal, isso lá é sofrimento?”, assim como fala do médico: “...Tem todo um dano causado pela paciente, causado por piadinhas infames, assim como esta que estamos fazemos agora...”.

As figuras de autoridade acabam garantindo credibilidade à matéria. A figuração do médico tem o intuito de passar um conhecimento inquestionável pelo senso comum, devido a todos os meios de experimentos e comprovações da medicina, como ciência é relacionada. Na gravação, a figura de uma pessoa com comportamento, postura e vestimenta de um profissional da área médica, traz à tona representação do médico, tornando o senso crítico um tanto desestabilizado pela imagem, facilitando que as falas ilógicas do suposto médico, fossem aceitas como verídicas pelo telespectador.

A inserção da voz da protagonista do caso, a mulher, também traz ao enunciado um lugar de fala como aspecto de credibilidade. Essa, passada pela testemunha, se torna ainda mais eficaz quando se trata de um assunto considerado constrangedor socialmente. A ideia de veracidade da vítima é reafirmada por ela através da postura, quando fica de costas para câmera ao dar o seu relato, como forma de proteção de uma identidade real.

Essas funções imagéticas, que a representação das figuras de autoridade acrescenta ao discurso, contradizem o enunciado que por sua vez não tem as características verbais dos respectivos tipos de discursos ali representados por tais figuras.

O enunciado acaba sendo estruturado por quem o diz no momento em que diz, no caso tomando a forma de discurso jornalístico ao ser enunciado pelo repórter. Como competência discursiva, há utilização de mecanismos argumentativos, que neste caso deveriam aparecer por meio da formalidade, uso adequado de termos figurativos, por exemplo.

Porém, na reportagem há uma contradição na estrutura do discurso jornalístico, que ao invés de torná-lo objetivo com uma linguagem formal e adequada, acaba tendo uma argumentação invasiva, com o uso de figuras de linguagem excessivas e inadequadas para o tipo discursivo como ironia, informações ilógicas. Esses fatores,

sobre a notícia veiculada, deveriam desqualificar ou ao menos criar dúvidas no telespectador e nos meios de comunicação que a veicularam.

“Doente, safada, dedo-duro? Ou seria apenas uma cidadã em busca de seus direitos.” (REPÓRTER)

“Você está igual a desafio de UFC, está cheia de tarja preta... para que serve esse remédio? Ele tira o tesão, alivia a xoxota, ele faz o que?” (REPÓRTER)

“Ela hoje toma 19 remédios de tarja preta...” (MÉDICO)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação cada vez mais constante em produzir e divulgar um conteúdo ágil pode prejudicar de fato a credibilidade das informações e, conseqüentemente, ocasionar o impulsionamento das *Fake News* na sociedade contemporânea. Analisar um exemplo de notícia falsa compete debater como isso torna-se comum e silencioso no cotidiano dos indivíduos que acreditam em quaisquer informações, sem averiguar a veracidade dessas. O artigo desempenha, portanto, um papel como uma ferramenta de discussão sobre essa tendenciosa forma de informações veiculadas nos meios de comunicação. Além disso, é importante mencionar que o fato de todas as integrantes deste artigo serem comunicadoras é mais um dos grandes motivos deste ter sido realizado, uma vez que as *Fake News* prejudicam efetivamente uma comunicação fidedigna, sendo muitas vezes prejudicial com a manipulação da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, D. **Pesquisador de fake news atribui propagação de boatos a 'preguiça de pensar'**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisador-de-fake-news-atribui-propagacao-de-boatos-preguica-de-pensar-23179051>>. Acesso em: 23 out. 2018.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação**: As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BAHIA, J. *Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo*. 4º ed. São Paulo: Ática, 1990. 2v.

FLORES, F. Fábio **Flores: desenvolvedor de pessoas**. Disponível em: <<https://fabioflores.com.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

FLORES, V.N.; BARBISAN, L.B.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009

SILVA, Ms. S. L. da. **Teoria da Enunciação**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/FernandaCamara123/teoria-da-enunciao>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

SOUZA, K. e TESSAROLO, F. ***Fake News: Ética e credibilidade jornalística em risco***. Centro Universitário Faesa, Vitória, ES

VERDADE, Jornalismo. **Mulher ganha na justiça o direito de se masturbar no trabalho**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sqsqap0Tg5k>>. Acesso em: 28 set. 2018.